

Cecilia Conde: ideias de ensino de uma educadora musical

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: EDUCAÇÃO MUSICAL

Nicole Penteado

Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC – nicole_roberta@hotmail.com

Teresa Mateiro

Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC – teresa.mateiro@udesc.br

Resumo: A partir deste trabalho, são trazidas ideias de Cecilia Fernandez Conde como educadora musical. A pesquisa foi amparada em autores que discutem as metodologias de História Oral, História de Vida e o Método Biográfico. A coleta de dados conta com documentos escritos e com entrevistas realizadas com pessoas do convívio de Cecilia Conde. Dentre os aspectos discutidos no texto, sobre concepções de Cecilia a respeito do ensino de música, destaca-se a valorização da criatividade e da liberdade.

Palavras-chave: História de vida de professores. Educadora musical. Liberdade criativa.

Cecilia Conde: The Teaching Ideas of a Musical Educator

Abstract: This study explores the ideas of Cecilia Fernandez Conde as a musical educator. The research was supported by authors who discuss the methods of Oral History, Life History, and the Biographical Method. The data collection was based on written documents and interviews made with people of Cecilia's conviviality. Among other aspects discussed in the text about Cecilia's conceptions on musical education, we highlight the value of creativity and freedom.

Keywords: Life History of Educators. Musical Education. Creative Freedom.

1. Introdução

Esta pesquisa busca investigar parte da trajetória profissional de Cecilia Fernandez Conde enquanto educadora musical. Para tanto, contou com documentos em texto, áudio e vídeo, materiais bibliográficos escritos sobre/por ela, além de entrevistas realizadas com seus ex-alunos e colegas de trabalho. Tal objetivo constituiu base para a formulação da seguinte questão de pesquisa: Que ideias sobre o ensino de música eram defendidas e vivenciadas por Cecilia Conde como educadora musical?

Foi, portanto, realizado um resgate das ideias e ações de Cecilia Conde como professora de música e, especificamente, para esta comunicação foi feito um recorte de uma pesquisa maior¹, destacando-se sua maneira plural e criativa de ser e estar com os outros. Sistematizar suas contribuições para a área pode, além de manter viva a lembrança de seus feitos e modos de pensar a educação musical, ser um caminho para inspirar outros educadores musicais na reflexão e na prática do ensino e da aprendizagem de música. Nesse sentido, Carino (1999, p. 178), destaca que “é nos exemplos de vivências humanas reais que a

educação vai buscar os modelos com os quais procura forjar a imagem de homem a ser formado pela educação”.

Ao revisar a literatura, buscou-se por trabalhos que se dedicaram a investigar trajetórias profissionais de professores de música e encontraram-se pesquisas nas áreas da Música e da Educação – Martins (2018); Schneider (2017); Sarfson Gleizer (2018); e Braga (2016) –, selecionadas de acordo com seu potencial de diálogo com este estudo. Vale notar que, com exceção do trabalho de Braga (2016), as demais pesquisas se dedicaram a estudar figuras nascidas nas décadas de 1920 e 1930, que exerceram suas profissões durante cerca de 60 anos. Da mesma forma, Cecília Conde, nascida em 1932, revelou ter exercido cerca de 60 anos de trabalho em favor da música (CONDE, 2016).

O estudo de Martins (2018) não enfoca as contribuições da biografada apenas como professora, pois considera também suas atividades como regente e intérprete, que foram significativas em sua carreira. Schneider (2017) investigou a metodologia do professor de instrumentos Eugênio Schneider enquanto Braga (2016) fez um estudo sobre as contribuições da experiência profissional de seu sujeito de pesquisa como professor de violão popular.

A pesquisa de Sarfson Gleizer (2018) é a que mais se aproxima desta investigação, à medida que a autora não focaliza Ana Lucía Frega como professora de instrumento, mas como professora de música. Além disso, Schneider (2017) trouxe referenciais da pesquisa (auto)biográfica e da pesquisa narrativa e Braga (2016) utilizou-se da pesquisa (auto)biográfica, método que também sustenta este trabalho.

2. Caminhos metodológicos

Três metodologias de histórias de vida amparam esta pesquisa – o Método Biográfico, a História Oral e a História de Vida –, uma vez que ambas apresentam, em suas características, potencialidades para o trabalho. Dessa forma, esta investigação está pautada em autores dos três métodos, tais como: Corrêa e Guiraud (2009); Meihy (2005); Pereira (2000); Silva (2002); e Verena (2005). As características metodológicas desta pesquisa são as seguintes: investigação da vida de um sujeito, a partir das narrativas de terceiros e de outros documentos (escritos e em áudio); presença de um tema central, que interessa para o trabalho, em primeiro plano; preservação da espontaneidade do discurso nas entrevistas narrativas.

Ferrarotti (1988) considera que dois tipos de materiais podem ser utilizados em pesquisas cuja abordagem é referente ao Método Biográfico: os materiais biográficos primários – que consistem nas narrativas ou relatos coletados pelo pesquisador por meio das entrevistas que realiza para o estudo – e os materiais biográficos secundários – que se referem

a todo tipo de documento cuja produção não teve por objetivo servir à pesquisa, como fotografias, correspondências, documentos oficiais, dentre outros. Nesta pesquisa, o material biográfico primário consiste nas entrevistas narrativas que foram realizadas com seis ex-alunos e colegas de trabalho de Cecília Conde, enquanto o material biográfico secundário se configura em documentos bibliográficos, materiais audiovisuais e outros registros escritos encontrados em arquivos online.

3. Apresentação e análise de dados

3.1. Quem foi Cecília Conde

Cecilia Fernandez Conde – filha da cantora Amália Fernandez Conde e de José Ramon Conde Rivas – nasceu no Rio de Janeiro-RJ, em 26 de janeiro de 1932, e faleceu em 11 de setembro de 2018, na mesma cidade, aos 86 anos de idade. Aos cinco anos, em 1937, passou a ter aulas de música, através do curso de Iniciação Musical, com Antônio de Sá Pereira e Liddy Chiaffarelli Mignone, no Conservatório Brasileiro de Música - CBM, instituição fundada por sua mãe e seu tio – o compositor Oscar Lorenzo Fernandez – junto de outros amigos músicos. Também no Conservatório graduou-se, em 1953, em Bacharelado em Canto e em Bacharelado em Piano e fez Especialização em Iniciação Musical.

Cecilia Conde foi criadora e diretora do primeiro curso de Musicoterapia do Brasil, no CBM, no início dos anos 1970, e do programa de pós-graduação da instituição; Membro Honorário do Foro Latinoamericano de Educação Musical - FLADEM (1995); 2ª Vice-Presidente da Sociedade Brasileira de Educação através da Arte - Sobreart (até 1996); conselheira da Fundação Darcy Ribeiro e da Associação de Amigos do Museu Nacional de Belas Artes e membro da Academia Brasileira de Música - ABM, eleita para a vaga de Bidu Sayão (1999); coordenadora, em parceria com a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - Unirio, do XIII Encontro Nacional de Educação Musical da Associação Brasileira de Educação Musical - ABEM (2004); Membro Honorário da Academia Nacional de Música (2005); Membro do Conselho Consultivo da Associação de Musicoterapia do Estado do Rio de Janeiro (2006); coordenadora da Ação Cultural, juntamente com o Professor Darcy Ribeiro, do Programa Especial de Educação da Secretaria Extraordinária e Programas Especiais do Estado do Rio de Janeiro na implantação dos Centros Integrados de Educação Pública - CIEPs; e presidente do Comitê Latino-Americano de Musicoterapia. A musicista foi, ainda, diretora-geral do CBM até 2014 (CONDE, 2016).

3.2. Cecília Conde, “em todos os canais, não tem barreiras”

Cecília Conde defendeu, vivenciou e trabalhou, em música e em arte de modo geral, com a criatividade, a experimentação, o improviso, a sensibilização, a música contemporânea. Todas essas palavras e o que representam remetem à liberdade, própria de Cecília e presente em sua atuação enquanto educadora. Não obstante, e em diálogo com a abertura e com sua inclinação para a criação, foi alguém que se dedicou também a integrar diferentes áreas do conhecimento – como a música e suas subáreas (musicoterapia, educação musical, performance, dentre outras), o teatro e a psicologia –, contribuindo para o enriquecimento dessas.

Assim como era aberta a diferentes experiências para além da música, também se utilizava de sua criatividade para combinar diferentes áreas. Nessa direção, em entrevista à musicoterapeuta Pollyanna Ferrari (CONDE, 2008), Cecília fala a respeito da influência da Musicoterapia para outras áreas e lembra da importância de sua exploração pela educação e educação musical, destacando o “lado humano/humanista”. A maneira de Cecília Conde de compreender a relação entre as áreas e a potencialidade de retroalimentação entre elas possibilitou que se tornasse uma “profissional plural”, – de modo que é reconhecida como educadora, musicista, musicóloga, musicoterapeuta, pedagoga, compositora, pesquisadora, pensadora, dentre outras atribuições – atuando com música em diversos contextos.

Morin (2001, p. 13) defende que os “problemas [são] cada vez mais polidisciplinares, transversais, multidimensionais, transnacionais, globais, planetários”, de modo que não cabe conceber “os saberes separados, fragmentados, compartimentados entre disciplinas”. O desenvolvimento do conhecimento se dá, sobretudo, pela capacidade que se tem de contextualizar e englobar. Cecília desenvolveu, dentre outros, trabalhos como atriz, compositora e diretora musical em espetáculos de teatro; como musicoterapeuta, a partir da criação e atuação no primeiro curso de Musicoterapia do Brasil no CBM e, posteriormente, em outros espaços; e como professora de música, atuante no CBM, em escolas e nos mais variados projetos culturais e educacionais.

Adriana Rodrigues (*Caderno de Entrevistas*, 2018) afirma que Cecília Conde é uma pessoa que não tem barreiras. O fato de ser alguém que demonstrava abertura e interesse pelo conhecimento nas diversas áreas, provavelmente trouxe oportunidade para que se encontrasse, ao longo da vida, com profissionais das mais diversas áreas, para além dos músicos e educadores musicais, como Darcy Ribeiro – antropólogo, escritor e político brasileiro; Nise da Silveira – médica psiquiátrica, considerada pioneira na terapia ocupacional e no uso da arte como ferramenta terapêutica no Brasil; Ilo Krugli – ator e artista plástico

argentino; Augusto Rodrigues – artista plástico e arte-educador brasileiro; Pedro Dominguez (ou Pedro Touron) – artista plástico argentino e marido de Cecília Conde, dentre outros. Isso tudo demonstra a forma como Cecília pensava a arte, a também “como ela imaginava a educação musical, totalmente fora da caixinha” (*Caderno de Entrevistas*, 2018, p. 4).

Essa forma de pensar e agir da educadora é retratada, inclusive, em sua relação com as pessoas, como é possível notar na fala da pianista e professora Maria Teresa Madeira, em homenagem oferecida à Cecília Conde no programa Música e Músicos do Brasil, que faz parte da Rádio MEC:

(...) conheci Cecília mais de perto quando ela me convidou para ser professora do Conservatório, do Curso de Bacharelado, no finalzinho dos anos 90, e foi aí que eu comecei minha vida acadêmica, graças a ela. Ela me deu carta branca para atuar da maneira que eu quisesse, da melhor maneira que eu achasse que eu poderia e, enfim, sempre foi uma pessoa muito aberta ao diálogo, às trocas de ideias, de informações (MADEIRA, 2018).

Cecília Conde dava liberdade também para os professores de música que formava e/ou que trabalhavam com ela no Conservatório para que pudessem criar, pensar suas próprias aulas e se tornar professores, desenvolvendo sua própria forma de atuar, de maneira que sua maneira de ser e seus ideias ecoavam em sua vida profissional, mas também na vida pessoal e na relação com o outro.

Adriana Rodrigues Didier também prestou homenagem à Cecília no referido programa de rádio. Um trecho de sua fala vai ao encontro do que é retratado por Maria Teresa Madeira, demonstrando a confiança de Cecília nessas professoras e a liberdade que dava a elas para desenvolverem seus próprios trabalhos. Além disso, ao chamar a atenção de Adriana com relação a uma aula de música que a educadora pensava para um material didático, deixa transparecer o quanto prezava pela criatividade dos alunos em sala de aula:

(...) ela me deu liberdade absoluta e total para fazer o que eu quisesse de um material didático que foi oferecido para professores alfabetizadores, então, tudo que eu escrevia, a Cecília sempre assinou embaixo. A primeira forma que eu escrevi, até me lembro que ela disse: “Nossa, Adriana, está muito agressivo, você diz que ‘não pode, não pode, não pode’, não é assim que a gente fala, tem que ter um certo jeito” (DIDIER, 2018).

Para Inês Rocha (*Caderno de Entrevistas*, 2018), Cecília Conde “sempre foi uma pessoa muito de vanguarda”. Na mesma direção, Adriana Rodrigues (*Caderno de Entrevistas*, 2018) lembra que, por conta de suas ideias e ações, Cecília parecia estar sempre à frente de seu tempo:

Todos os dias ela me surpreendia, porque eu não acreditava que essa era a cabeça dela, anos-luz à frente da minha, da de todas as pessoas. Não existia nenhum tema

que você dissesse: “nossa, isso eu não posso falar com a Cecília”, nenhum tema que você imagine de educação, cultura, sexo, droga, qualquer coisa. A cabeça dela era anos-luz à frente da gente! (Adriana R., *Caderno de Entrevistas*, 2018, p. 4).

Cecília Conde compreendia como sendo importante o professor partir do que o aluno traz em relação às suas preferências e tendências – ideia outrora defendida por Paulo Freire e um assunto que tem sido discutido na área de Educação Musical, como lembra Brito (2009, p. 14) ao afirmar que o educador musical Hans-Joachim Koellheutter enfatizava a importância de se estar atento para apreender dos próprios alunos o que podemos ensinar a eles –, o que se revelava em suas ações de professora de música. Inês Rocha (*Caderno de Entrevistas*, 2018) conta uma história sobre o músico carioca João Carlos Assis Brasil, que teria sido aluno de piano de Liddy Mignone e de Cecília Conde quando criança:

Ele tinha aversão à escrita, não queria aprender a escrita. Então, o que as duas fizeram? Ele ficava improvisando. Durante as aulas, sentava ali e ficavam improvisando, ele, Cecília, Liddy. O que ele se tornou? Um grande pianista. Lê, toca grandes obras pianísticas, mas o que ele faz de forma genial é improvisar (...), ou seja, as duas acolheram esse menino que não queria aprender a ler, até a hora em que ele esteve pronto para isso, quis, e aí aprendeu e seguiu (Inês R., *Caderno de Entrevistas*, 2018, p. 55).

É possível que essa atitude de Cecília Conde junto de Liddy Mignone pareça comum e reflita o esperado de um educador musical. No entanto, Inês Rocha enfatiza que não se tratava de ideias que circulavam corriqueiramente nas décadas de 1940 e 1950:

Na época, isso não era comum. As pessoas diziam: "não, não vai tocar de ouvido, porque isso atrapalha na interpretação, tem que aprender a ler". Então, o caminho para ensinar uma criança a estudar piano e música nos anos 40, 50 era outro. E elas tinham essa abertura, essa liberdade, acolhimento e respeito pelo outro, que eram as ideias de vanguarda. Então, elas traziam esse pensamento para a educação musical, olhar para o aluno, ver o que ele tem a oferecer (Inês R., *Caderno de Entrevistas*, 2018, p. 55).

Nessa direção, a AMTRJ (Associação de Musicoterapia do Estado do Rio de Janeiro) declara em artigo publicado no site da Associação que Cecília é “essencialmente uma educadora, voltada não para a mera transmissão de conhecimentos, mas primordialmente para levar o aluno a descobrir e desenvolver as próprias potencialidades, ter um olhar crítico e atitudes criativas” (AMTRJ, 20-?, p. 11).

As aulas de Cecília Conde, em diálogo com a criatividade e a liberdade que defendia, pareciam fugir à normalidade, o que é retratado pela entrevistada Adriana Rodrigues (*Caderno de Entrevistas*, 2018, p. 5): “a gente andava com os olhos vendados aqui pelo corredor para ter experiência como cego, de deficiente visual. Eram as coisas mais enlouquecidas que você pode imaginar”. Sobre isso, Inês Rocha (*Caderno de Entrevistas*,

2018, p. 46) lembra durante entrevista: “a gente ia para o quintal da Pró-Arte, tinha muitas árvores, a gente ia para fora, fazia criação musical, fazia coisas, assim, absolutamente incríveis”. Adriana Rodrigues (*Caderno de Entrevistas*, 2018, p. 5) explica que, “a Cecília, você não pode imaginá-la numa sala de aula normal, dando uma aula normal, não existia isso”.

Tornar conhecida a história da vida de um professor pode contribuir para a área da Educação e, nesse caso, sobretudo, da Educação Musical, especialmente se, como Cecília Conde, tratar-se de uma figura cuja “vida [foi] vivida de forma ‘iconoclasta’” (CARINO, 1999, p. 159), em função de suas ideias, ações e influências. Para Carino (1999), esse tipo de história “ganha interesse biográfico” (p. 159) e constitui a “instrumentalidade educativa” de uma biografia.

4. Algumas considerações

Com esta pesquisa, buscou-se trazer aspectos das ideias, modos de pensar e ensinar música de Cecília Conde. Dada sua longa jornada na área, vale mencionar que há o anseio por reconstruir também outros pontos de sua trajetória em trabalhos futuros. Pouca informação foi encontrada na área de Educação Musical sobre os trabalhos de Cecília como professora. Além disso, imaginamos construir esta pesquisa junto de Cecília, o que não foi possível. Diante disso, ouvir os entrevistados tornou-se ainda mais importante, se não indispensável para a construção da pesquisa.

Cecília confessou que gostaria de ter escrito sobre suas experiências em tantos anos de trabalho em favor da música, da educação e da cultura (CONDE, 2016), e é possível que este trabalho configure um primeiro registro. Foram muitos anos de contribuição e, talvez, não coubesse a ela mais a tarefa de sistematizar o que fizera e a forma como pensava o ensino de música. Dada e cumprida a missão da Cecília Conde, cabe, agora, às próximas gerações de músicos-educadores-pesquisadores conhecê-la, reconhecê-la e estudar e aprender com esta educadora, já que como educadores musicais, é importante que estejamos em constante formação, repensando nossas práticas e tendo como parâmetro outros professores relevantes para o ensino de música.

Referências

Adriana Rodrigues Didier. *Entrevista I*. [dez. 2018]. Entrevistadora: Nicole Penteadó. Rio de Janeiro, 2018. 1 arquivo .mp4 (114 min.). Entrevista concedida para a pesquisa *Cecília Fernandez Conde: ideias, ações e influências de uma educadora musical* (título provisório).

- AMTRJ. *Precursores e pioneiros*. Rio de Janeiro, RJ: [20-?]. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1aq2NBL6JGF9KE0Gy4tNoIucxwI27ouXt/view>. Acesso em: 20 jan. 2019.
- BRAGA, Eudes de Carvalho. *Paulo André Tavares: narrativas com música de um professor de violão popular*. 2016. 155p. Dissertação (Mestrado em Música) –Universidade de Brasília, Brasília, 2016.
- BRITO, Teca Alencar de. A barca virou: o jogo musical das crianças. *Música na educação básica*. Porto Alegre, v. 1, n. 1, outubro de 2009.
- CARINO, Jonaedson. *A biografia e sua instrumentalidade educativa*. *Educação e Sociedade [online]*, v. 20, n. 67, p.153-182. 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v20n67/v20n67a05.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2018.
- CONDE, Cecília. (Conversa de Cecília Conde com Pollyanna Ferrari sobre a criação do curso de Musicoterapia no CBM, 2008). FERRARI, Pollyanna; CONDE, Cecília. A criação do Curso de Musicoterapia no Rio de Janeiro e suas reverberações. In: COSTA, Clarice Moura (org.). *Musicoterapia no Rio de Janeiro: Novo Rumos*. Rio de Janeiro: Editora CBM, 2008, p. 32-47.
- CONDE, Cecília. Prefácio. In: Mateiro, Teresa; Ilari Beatriz (Org.). *Pedagogias brasileiras em educação musical*. Curitiba: InterSaberes, 2016. p. 9-21.
- CORREIA, Rosa Lyda Teixeira; GUIRAUD, Corrêa, Luciene. Possibilidades e limites de histórias de vida por meio de depoimentos orais na história da formação de professores. *Rev. Diálogo Educ.*, Curitiba, v. 9, n. 28, p. 671-687, set./dez. 2009.
- DIDIER, Adriana Rodrigues. (Homenagem à Cecília Conde no Programa Música e Músicos do Brasil). Confira a homenagem a Cecília Conde no Música e Músicos do Brasil. *Música e Músicos do Brasil*, Rio de Janeiro: Rádio MEC Rio. 30 de setembro de 2018. Programa de Rádio. Disponível em: <<http://radios.ebc.com.br/node/78391>>. Acesso em: 2 out. 2018.
- FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Org.) *O método (auto)biográfico e a formação*. Lisboa: Ministério da Saúde. Depart. de Recursos Humanos da Saúde/Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional, 1988. p. 17-34.
- Inês de Almeida Rocha. *Entrevista IV*. [dez. 2018]. Entrevistadora: Nicole Penteado. Rio de Janeiro, 2018. 1 arquivo .mp4 (64 min.). Entrevista concedida para a pesquisa *Cecília Fernandez Conde: ideias, ações e influências de uma educadora musical* (título provisório).
- MADEIRA, Maria Teresa. (Homenagem à Cecília Conde no Programa Música e Músicos do Brasil). Confira mais da homenagem à Cecília Conde, no Música e Músicos do Brasil. *Música e Músicos do Brasil*, Rio de Janeiro: Rádio MEC Rio. 07 de outubro de 2018. Programa de Rádio. Disponível em: <<http://radios.ebc.com.br/node/78545>>. Acesso em: 10 out. 2018.
- MARTINS, Kelly Aparecida de Paula. *A trajetória profissional de Edmar Ferretti: memória e história*. 2018. 474p. Dissertação (Mestrado em Música) –Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. 5 ed. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2005.
- MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 5 ed. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 2001.
- PEREIRA, Lígia Maria Leite. Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias. *História Oral*, v. 3, p. 117-127. 2000. Disponível em: <<http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=26&path%5B%5D=20>>. Acesso em: 10 nov. 2018.
- SARFSON GLEIZER, Susana. Historias de vida en educación musical. Ana Lucía Frega: formación e influencias. *Historia y Memoria de la Educación*, v. 8, p. 683-698, 2018.



Disponível em: <<http://revistas.uned.es/index.php/HMe/article/view/19796>>. Acesso em 5 ago. 2018.

SCHNEIDER, Jade da Rosa. *Quando um professor se faz histórias: o professor Eugênio Schneider e narrativas (auto) biográficas de um legado de ensino de música em Santa Maria - RS*. 2017. 101p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2017.

SILVA, Haike Roselane Kleber da. Considerações e confusões em torno de história oral, história de vida e biografia. *Métis: História e Cultura*, v. 1, n. 1, p. 25-38. 2002. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/1037>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

VERENA, Alberti. *Manual de História Oral*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

Notas

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.